

# humanitas

**Vol. XXIX-XXX**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA  
MCMLXXVII-MCMLXXVIII

## UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DO HUMANISMO EM PORTUGAL: O «PROLOGUS» DE ESTÊVÃO CAVALEIRO (\*)

A introdução do Humanismo entre nós não se fez sem dificuldades. Já em Cataldo se encontra uma carta do mestre siciliano ao marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, em que aquele se queixa, antes de 21.2.1500, dos que defendiam o bárbaro latim tradicional, alegando em favor da rotina os perigos da nova educação, sobretudo provenientes — diziam — da leitura dos escritores do Paganismo. Eram uns tantos «theologiculi», como lhes chama Cataldo (*Epistole* I, fols. i vj — i viij).

Mas a luta contra a barbárie assumiu aspectos ainda mais animados na querela da nova gramática contra o ensino tradicional. Disso nos informa o «Prologus» com que Estêvão Cavaleiro abriu a sua *Noua grammatices marie matris dei virginis ars* que, por comodidade, passarei a designar por *Mariae Virginis Ars*.

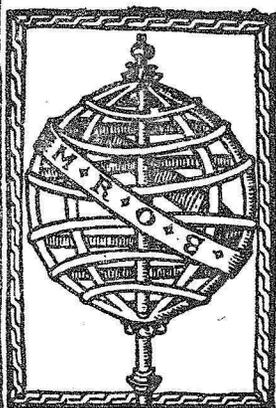
A leitura atenta dessa Introdução constitui uma das páginas mais elucidativas sobre a história e recorrente situação da disputa entre o antigo e o moderno.

Estêvão Cavaleiro, o «*coronatus eques in artibus et philosophia magister*», como a si próprio se denomina, abre com um elogio das letras de que citarei este pequeno trecho, de inspiração ciceroniana, sobre a Filosofia: «Foste tu que geraste as cidades, que chamaste à vida de sociedade os homens dispersos, que os reuniste pela conjunção das letras e dos sons. Tu foste a inventora das leis, a mestra dos costumes e a disciplina de todas as coisas (1)». O orador felicita-se

---

(\*) Comunicação apresentada à Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em 28.v.1971, como pode ver-se em *Humanitas* xxiii-xxiv, 1971-72, pp. 484-485. Publica-se agora, ampliada e actualizada.

(1) *Tu urbes peperisti, tu dissipatos homines in uitae societatem conuocasti, tu litterarum et uocum coniunctione eos congregasti, tu inuentrix legum, tu magistra morum, rerumque cunctarum disciplina fuisti.* (Fol. Aij) Cf. CIC., *Tusc. Disp.* I, xxv, 62. Nesta nota e nas seguintes, foram desfeitas as abreviaturas e usada a moderna ortografia do latim.



61230

# **N**ova grāmatics **M**arie matris

dei virginis ars. cuius auctor est magister Stephanus  
eques lusitanus.

**H**æc grāmatics ars quinqz libros continet.

**P**rimus liber est de dictionū declinabiliū præceptis  
partim regularibus: partim vero anomalis:

**S**ecundus est de octo dictionū: earūqz omnium accen-  
dencium acrymologia.

**T**ertius vero est de earū quoqz octo dictionū syntaxi

**Q**uartus ē de psodia: et de oīm syllabarū qñtitate.

**Q**uintus est de syntaxeos: figurarūqz omnium copio-  
sis præceptis.

Frontispicio da *Nova grāmatics marie matris dei virginis ars*



**L. J. R.** ad pabem litteraturæ politionis  
 cano datam epigramma.  
**Munera** Crispiolæ postq̄s **L** crealia mū  
**In** tnerat: **L**iber vicia dona pat: **C**oo  
**Qu**alibet inculto rudior gēs viueret orbe/  
**B**auderet victu rustica turba suo:  
**Il**lico contēptis **A**chelous vilitate vndio:  
**C**haoniae quassæ nō/velut ante/comæ.  
**L**autior actutū placuit q̄s vicia/bibendæ  
**B**obus aquæ cessit glans comedēda sui.

**L**adiva sic linguæ pubes addicta latinæ:  
**Q**uæ nitido vitâ tēpore nacta tuam.  
**C**ū tibi nobilitatū pateat monumēta vici:  
**A**tq̄ palatino scripta probata deo.  
**B**arbariē cōtēne rudem: nec sueta morare  
**S**cripta magi: **πρωτομαν** dicitur **Deus**  
**A**usonij structū p̄p̄re dapis<sup>o</sup> pete mēsa.  
**I**nde famē **A**mbrosia **A**ccitare tolle sitim  
**E**t pec<sup>o</sup> arcadici p̄lceas sine rodat ianeas:  
**L**oenisum poter sus in amœna lacum.

Verso do frontispício da *Nova grāmatices marie matris dei virginis ars*

seguidamente pelos tempos em que os seus contemporâneos vivem, época magnífica que vê ressuscitados todos os tesouros da sabedoria e da cultura greco-latinas.

E anuncia alegremente a boa nova humanística: «Já nos apos-sámos da cidade de Roma; já o nosso colóquio é com cidadãos romanos. Já há muito que praticamos a língua romana. É que, onde domina a língua latina, aí se encontra o império romano» (2).

Mas há os que não querem ser cidadãos deste novo mundo cultural e se ficam por fórmulas e práticas antigas. Para esses parece não haver remédio, diz Mestre Estêvão: «Com efeito, cresceu neles a barbárie com o passar dos anos e ganharam neles raízes as bárbaras sementes que, por há muito terem endurecido, de modo algum podem já ser extirpadas. É que muito dificilmente são eliminados os vícios que connosco cresceram. Por isso, entre mim e outros gramáticos, que são da seita de João de Pastrana, surgiram discórdias implacáveis e contra mim se ergueu o ódio mais execrável, ao mesmo tempo que eles se esforçam por colocar o seu ridículo Pastrana, temeraria e irracionalmente, antes de todos os bons autores. E o que é mais vergonhoso não só ensinam a barbárie de Pastrana, a divulgam, louvam e exaltam, mas ainda com não sei que frívolas subtilizas a tentam defender. Ora quem ensina e defende o falso, confessa a sua ignorância e a sua desvergonha, causa de todos os males. Ó triste sorte do nosso tempo, em que a ignorância é apreciada! Muito me admiro, certamente, mas ainda mais sofro, com a alucinação dos seguidores de Pastrana que não preferem imitar aqueles três grandes, como que triúnviros, sobre cujo primado se discute entre os eruditos, a saber, Donato, Sérvio e Prisciano! É a eles que Lourenço Valla, o grande especialista da língua latina, confere tão altos méritos, que lhe parece que quantos escreveram sobre a latinidade, em seguida a eles, mais não fazem que balbuciar. Estão neste número Isidoro e Papias, além de outros ainda mais ignorantes como Ebrardo, Hugo... Pastrana, verdadeiramente indignos de menção» (3).

---

(2) *Vrbs ergo Roma iam penes nos est. Cum uiris Romanis iam nobis colloquium est. Romano in sermone iam diu uersamur. Illic enim profecto Romanum imperium est ubi Latina lingua dominatur.* (Fol. A iij).

(3) *Accevit enim in eis cum aetate ueterana barbaries, radicata sunt quoque in eorum mentibus barbara semina quae iam diu occaluerunt, nullo pacto extirpari iam possunt. Difficillime enim rescinduntur uitia quae nobiscum creuerunt. Hac*

Tornando mais explícito o seu pensamento, Estêvão continua assim: «(...) aqueles que desprezam os muitos e bons autores latinos e seguem apenas João de Pastrana, um bárbaro afinal, são parecidos com as aves que gostam das trevas e ficam cegas com a luz. Daí resulta que quando os seus alunos se dirigem a professores competentes para se instruírem, antes de mais, têm de desaprender, o que é certamente muito mais difícil (como nota Quintiliano) do que se tivessem começado por ser ignorantes e inexperientes. Deus imortal! Reinando sobre os gramáticos do nosso tempo, a arte de Pastrana fez que todos os menos cultos caíssem em barbarismos inúmeros e inauditos» (4).

E Mestre Estêvão continua por mais algumas linhas, para terminar estas considerações com uma nota de prudência, dirigida a si próprio: «Mas cuidado, por favor! Não ouse censurar a arte de Pastrana. Ressoa aqui pelo nariz uma letra canina. Que ninguém aí faça lixo! Pintemos duas serpentes! O lugar é sagrado, naturalmente, como o oráculo de Apolo, cuja resposta a muitos enganou. Vamos lá, homens doutos, não o critiqueis! Será um sacrilégio que eu murmure? Mesmo às escondidas? Mesmo dentro de uma cova?

---

*de causa ecce inter nos aliosque grammaticos Ioannis Pastranae sectatores exortae sunt inexorabiles discordiae necnon etiam in nos acerrima inuidia exorta est, dum suum ridiculum Pastranam uniuersis bonis auctoribus temerarie et irrationabiliter praeponere contendunt. Et quod impudentius est, non solum ipsius barbariem docent, praedicant, laudant et prae ceteris extollunt, uerum etiam nescio quibus friuolis ratiunculis defensare contendunt. Profecto qui falsitatem docent atque defendunt, ignorantiam suam fatentur, necnon ducem ad omne malum impudentiam. O grauem sortem temporum, in quibus ignorantia in pretio habetur! Miror equidem (sed potius doleo) allucinationem Pastranae sectatorum qui tres illos tanquam triumuiros Donatum scilicet, Seruium et Priscianum potius non imitantur, de quorum principatu inter eruditos quaeritur. Quibus Laurentius ille Vallensis, linguae Latinae peritissimus, tantum tribuit ut post eos quicumque de Latinitate aliquid scripserunt, balbutire uideantur. Quorum primus Isidorus, post hunc Papias, alique indoctiores, Ebrardus, Hugutio... Pastrana, indigni quippe qui nominentur. (Fol. A iij).*

(4) (...) qui et plures et bonos Latinos auctores respuentes unicum Iohannem Pastranae, et illum quidem barbarum, potius sectantur, similes profecto illis auibis sunt, quas tenebrae iuuant, lux uero caecat. Ex quo fit ut si quando eorum discipuli ad uiros doctos ut erudiantur se conferant, dedocendi sint prius necesse sit, quam doceantur. Quod profecto, Quintiliano teste, longe difficilium est quam si rudes expertesque disciplinarum uenissent. Pro deus immortalis! Auctoritas Pastranae, cum apud huius nostrae tempestatis grammaticistas polleat, effecit ut omnes minus eruditi in complures inauditasque barbaries delaberentur. (Fol. A iij-A iij v.º).

Em parte alguma? Todavia, aqui no nosso prólogo (queiram ou não queiram os leitores daquela seita) diremos abertamente o que dela pensamos (5)».

Subitamente, o tom sibilino faz suspeitar de uma alusão literária. E com surpresa verificamos que Estêvão Cavaleiro está a adaptar a *Sátira I* de Pérsio, poeta que, por qualquer motivo, aparece citado entre nós com alguma frequência, no começo do século XVI. Encontrei-o também referido e, como aqui, sem menção do nome, numa oração de entrada de 1509. Talvez fosse corrente em Portugal a edição príncipe, anterior ao fim do século XV. E, em qualquer caso, Pérsio é um autor lembrado através da Idade Média europeia.

Os versos que Cavaleiro inclui no seu prólogo, sem menção de origem, são todos, como já disse, da *Sátira I*:

...sonat hic de nare canina/ littera (109-110)

e ...«Hic, inquis, ueto quisquam faxit oletum.»

Pinge duos anguis: «Pueri, sacer est locus...» (112-113)

e um verso inteiro e completo, o 119:

*Me muttire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?*

Este último permite até corrigir o texto de Cavaleiro, que está ilegível, por duas gralhas de uma letra cada, a saber, «clam» em vez de «clam» e «serobe» por «scrobe».

A citação de Pérsio, sorrateiramente incluída no «Prologus», virá a propósito? Porque teria Cavaleiro omitido o nome do satírico, se parece sentir tanto prazer em citar os seus autores latinos e mostrar os seus conhecimentos de grego, nas duas ou três frases em caracteres helénicos que usou?

Responderei, antes de mais, a estas duas perguntas: à primeira direi que a utilização do texto de Pérsio é feita consciente e acertada-

(5) *At caue, si uis, ne Pastranae artem carpere audeas; sonat istic littera de nare canina. Caueat ibi quispiam oletum facere. Pingamus igitur duos angues. Sacer locus est, Apollinis scilicet oraculum cuius responsum multos fefellit. Agite, uiri docti, ne illum carpatis! Me muttire nefas erit? Nec clam (sic)? Nec in serobe (sic)? Nec usquam? Hic tamen nostro in prologo (uelint, nolint sectae illius lectores) dicemus tamen aperiemusque quod de ea sentimus.* (Fol. A iij v.º).

mente. Na *Sátira I*, um interlocutor aconselha Pérsio a ter cuidado com as suas críticas, tal como aqui o humanista português se aconselha a si mesmo. Uma vez que a *Arte de Pastrana* é tabu, como hoje diríamos, é sagrada, pois pintem-se nela as duas serpentes que em Roma indicavam o lugar consagrado onde se não podia deitar lixo.

Quanto à omissão do nome de Pérsio, talvez sirva para experimentar a cultura dos adversários, a quem M.<sup>o</sup> Estêvão acusava precisamente de só conhecerem o latim de Pastrana e de ignorarem os bons autores latinos. Além disso, a «littera canina» que, em Pérsio, alude ao rosar dos cães de guarda, e que designava o som «R», é aqui quase de certeza uma alusão muito precisa ao mais feroz adversário de Estêvão Cavaleiro, a saber, o bem conhecido bacharel Rombo, lente de Gramática na Universidade de Lisboa. Na Torre do Tombo existe o pergaminho, datado de 11 de Agosto de 1488, em que D. João II autoriza Cavaleiro a usar arma de defesa para se precaver de Pedro Rombo que o mandara procurar por dois homens, cujos nomes são mencionados, com a incumbência de o matarem.

Mas voltemos ao «Prologus». O nosso «*eques coronatus*» defende-se, logo após, da possível acusação de maledicência, afirmando que não é por espírito de detracção que critica a gramática de Pastrana, «mas antes» — diz ele — «para ser útil a muitos, tratando aquelas matérias que no nosso Portugal sei que ninguém do nosso tempo tratou» (6).

Qual o valor desta afirmação de prioridade? Mais adiante veremos que é muito relativo, pois antes da *Mariae Virginis Ars*, publicada em 1516, houve em Portugal várias edições de gramáticas latinas, algumas anteriores a 1500, embora na sua maioria fossem adaptações, geralmente confessadas, de Pastrana. Talvez seja mais aceitável a afirmação de originalidade, nas fontes e no método, e dessa estava convencido Cavaleiro que, a concluir uma diatribe contra o livro rival, diz em seguida, auto-elogiando-se: «Pela minha parte, antes quero beber da límpida fonte dos autores que do riacho limoso e turbulento de tal doutrina. E dos seus sequazes, que direi? Faltar-me-ia o dia,

---

(6) (...) *nos certe nullum laedere cupimus, sed potius pluribus prodesse ea exponentes quae nostra in Lusitania huius nostrae tempestatis neminem exposuisse scimus.* (Fol. A iij v.<sup>o</sup>).

se quisesse mostrar os seus erros sem conto. Pastrana, corruptor da linguagem latina, semeou o cereal sarmento e foi-se; os seus partidários semearam por cima uma grande quantidade de triste joio e continuam a semear corruptelas gramaticais em abundância, que vendem por todo Portugal, a elevado preço e sem vergonha, em vez do trigo, aos pobres alunos. Que mais direi? Só uma coisa mais ousarei afirmar: os que louvam a *Arte de Pastrana* e afirmam que todos os escritos que deixou estão certos e correspondem à verdade, esses tais, sem dúvida alguma, não são latinos nem jamais leram livros latinos. Leiam, por isso, os próprios autores latinos de gramática, ouçam os poetas latinos, manuseiem os volumes dos oradores e acima de tudo Cícero, pai da língua latina, os volumes dos historiadores latinos. Se assim fizerem, aborrecer-se-ão do seu bárbaro e ridículo Pastrana, lançá-lo-ão das mãos e corrê-lo-ão a pontapés, porque tanto tempo os enganou e fez cair na armadilha dos erros» (7).

Este trecho não necessita de muitos comentários. Aqui e em outros passos do «Prologus», o autor da *Mariae Virginis Ars* critica o compêndio tradicional e os que o seguem, exorta à leitura directa dos gramáticos romanos e à dos bons autores da latinidade, num recurso às fontes, que é bem humanístico. A propósito, recorde-se que Portugal, em todo o «Prólogo», é sempre chamado *Lusitania*, como, aliás, antes de 1500, já tinham feito D. Garcia de Meneses e Cataldo Sículo.

Mais adiante, Estêvão Cavaleiro critica a atitude do «magister dixit», lembrando que Cícero já a censurara em Pitágoras e nos seus

---

(7) *Nos uero ex limpido auctorum fonte quam ex limoso turbulentoque riuulo doctrinae aquas malumus haurire. De eis autem sectatoribus quid dicemus? Dies profecto nos deficeret, si ipsorum innumeros errores patefacere uellemus. Ipse enim Latini sermonis corruptor, scabiosum far seminavit et abiit, eius uero defensores magnam infelicitis lolii copiam super seminarunt seminantque quotidie copiosas grammatices corruptelas quas totam per Lusitaniam pro uero tritico magna mercede absque pudore miseris discipulis uendunt. Quid amplius dicam? Vnum hoc tantum ausim affirmare: qui Ioannem (sic) Pastranae artem laudant necnon omnia quae scripta reliquit, recta ueraque esse asseuerant, eos procul dubio Latinos non esse, neque Latinos libros unquam legisse. Legant ideo ipsius artis grammatices Latinos auctores, audiant Latinos poetas, euoluant quoque ipsorum oratorum et in primis Ciceronis Latinae linguae parentis, historiographorumque Latina uolumina. Quod profecto si facient, taedebit eos sui barbari ridiculique Pastranae, illum manibus abigent pedibusque explodent, eo quo tam prolixo tempore eos sefellit atque in errorum foueam incidere fecit.* (Fol. A iij v.º -A iiij).

discípulos, que não eram Pastrana nem os seus sequazes. Ora estes têm o estranho hábito de responder a todas as dúvidas com a frase, e aqui traduzo de novo o «Prologus»: «disse-o ele no seu Báculo. Este «ele» é o vosso mestre Pastrana, pai exímio, como é evidente, de todos os autores» (8).

Aqui será necessário fazer de novo uma pausa, para explicar que «báculo» ou «bordão» é este, tão inopinado. Trata-se do *Baculum Caecorum*, um compêndio gramatical cujo autor é o mesmo Pastrana da *Arte*. Publicaram edições do *Baculum* os dois lentes de Gramática da Universidade de Lisboa, António Martins e Pedro Rombo. Em 1955, o erudito Rocha Madahil (9) revelou a existência dos compêndios de Martins e de Rombo, impressos por Valentim Fernandes, em Lisboa, em 1497. Estes dois livros encontram-se encadernados com a gramática de Pastrana, impressa sob um dos seus nomes correntes de *Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum* pelo mesmo Valentim Fernandes, alemão, igualmente em 1497.

Eis um conjunto de títulos de gramáticas, bem medieval: *Bordão dos Cegos*, *Tesouro dos Pobres*, *Espelho dos Meninos*, a designar obras de um autor, Juan de Pastrana, ao que parece, natural das Baleares e do princípio do século xv. Os três preciosos incunábulo encontram-se actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Aproveitando esta oportunidade, lembrarei que foram até agora já mencionados dois adeptos de Pastrana, a saber, António Martins, já então falecido, e o seu discípulo Pedro Rombo que só viria a morrer em 1533. Ambos, lentes de Gramática da Universidade de Lisboa.

Voltemos ao «Prologus» de Estêvão Cavaleiro. A crítica seguinte aos gramáticos tradicionais é a da incorrecção e falta de vernaculidade latina do vocabulário que empregam. O autor da *Mariae Virginis Ars* lembra as palavras de Augusto, segundo Aulo Gélio e Macróbio, de que «como de um rochedo era preciso fugir da palavra não ouvida e desacostumada» e proclama-se a si próprio seguidor desta norma. Daí, o ódio que os obscurantistas lhe votam. Mas ouçamo-lo: «Todavia, porque critico justamente a arte bárbara e ridícula do vosso cego capitão, o irmão mais novo do gigante, filho da terra, e arranco e

(8) (...) *ipse suo in Baculo dixit. Ipse autem est magister uester Pastrana, auctorum scilicet omnium eximius pater.* (Fol. A iiiij).

(9) António Gomes da Rocha Madahil, «Novos testemunhos da actividade tipográfica de Lisboa no século quize», *Revista Municipal*, Lisboa, n.º 63, ano xv, 4.º trimestre de 1954, pp. 5-20 e 46-63.

extirpo as suas inúmeras faltas, ao mesmo tempo que sinceramente ensino a verdade, e todos os anos na minha escola leio, desenvolvo e explico muita coisa que ignorais, concitei contra mim o maior ódio» (10). E Estêvão Cavaleiro conta seguidamente como foi mal-sinado junto do rei e finalmente expulso da Universidade de Lisboa, assim «sofrendo um indigno suplício» — diz ele — «em vez do prémio da boa doutrina».

No latim citado atrás, o principal adversário é chamado «caecus dux» e aqui há decerto uma alusão ao *Baculum Caecorum* reeditado por Pedro Rombo a quem deve referir-se igualmente o qualificativo de «terrae filius, gigantis fraterculus» em que Estêvão Cavaleiro alude a uma expressão de Juvenal (*Sat.* IV, 98) para designar um desconhecido sem importância. Estas amabilidades são endereçadas, naturalmente, a Pedro Rombo, como se conclui da sua ocorrência, por mais duas vezes ainda, no «Prologus».

Com efeito, mais adiante, ao dar-nos a surpreendente novidade de que também ele próprio, Cavaleiro, em tempos seguiu a *Arte de Pastrana*, diz: «Lendo eu aos meus alunos esse divino compêndio, quero dizer, o do irmão mais novo do gigante, filho da terra, juntamente com as *Matérias* de António Martins («matérias» é palavra dele), cuja barbárie por muito tempo ecoou profundamente em nosso Portugal, aborrecido de tão grandes inépcias, da repetição tão frequente da barbárie, finalmente, tanto me irritei e indignei, que muitas vezes a mim próprio disse: Hei-de eu ler sempre estas inépcias, estas corruptelas da língua de Roma? Nunca hei-de ensinar aos meus alunos alguns preceitos de gramática, coerentes e correctos, tirados dos autores latinos?» (11).

---

(10) *Verum quia uestri caeci ducis, terrae filii, gigantis fraterculi, barbaram ridiculosamque artem recte carpimus, eiusque innumera uitia extirpamus atque expurgamus, ueritatem quoque sincere docemus, complura etiam uobis incognita quotannis nostro in gymnasio legimus, exploramus atque enarramus, maximam in nos inuidiam concitauimus...* (Fol. A iiij).

(11) *Cum ego diuinum illud scilicet filii terrae, gigantis fraterculi, compendium cum Antonii Martini Materiebus (ut ipsius uocabulo utar), cuius barbaries nostra in Lusitania diu alte intonuit, auditoribus nostris quotannis legerem, tantis ineptiis, tantaque barbariei redundantia fastidiosus, tanta denique animi indignatione stomachatus sum, ut ipse mecum saepenumero dixi (sic): Semper ego has ineptias, semper has Romanae linguae corruptelas lecturus sum? Numquamue aliqua congrua, rectaque grammatices praecepta ex Latinis auctoribus decerpta meos auditores docebo?* (Fol. A iiij v.º).

Finalmente, pensamentos de Platão, dos estóicos e de Cícero, de que o homem não vive para si apenas, mas para a comunidade, persuadiram-no a libertar a Lusitânia da barbárie, por meio de uma nova arte latina. E comenta: «Não decerto que ignore terem muitos outros varões latinos, oriundos de outras nações, feito isto mesmo antes de mim, mas de entre os portugueses não sei de alguém que tenha composto uma arte latina. Quis, por isso, primeiro entre os portugueses, meter ombros a este árduo trabalho, porque nada na vida dos homens pode ser mais útil e mais honroso do que elaborar coisa que sirva ao bem público e deixe à posteridade uma recordação eterna» (12).

Estes nobres pensamentos e as instâncias dos amigos levaram-no a tal decisão.

Descreve seguidamente o plano do seu livro para dele indicar as fontes gramaticais, todas elas de boa cepa latina, a começar em Quintiliano e passando por Diomedes, Donato e Prisciano «cuja doutrina e recta opinião» — assevera ele — «assim apoiada nos cantos dos poetas e assim copiosamente explicada, antes de mim (que eu saiba) ninguém expôs, principalmente da Península Ibérica» (13).

Falta, naturalmente, ver até que ponto estas pretensões são justas, comparando a *Ars* de Cavaleiro não com os compêndios de Pastrana e dos seus seguidores portugueses, mas com outros trabalhos de melhor nível humanístico como os tratados de Nebrija, já existentes desde a penúltima década do século xv.

Regressando ao «Prologus», encontramos as acusações de plágio, lançadas numa verrina contundente contra o rival que se arrogou a autoria de trabalhos alheios, apresentando-os como seus, sem descobrir que a própria doutrina furtada enfermava de erros sem conta. É o trecho que começa: «Olha, olha! Nasceu um outro Donato em

---

(12) *Non profecto quo alios complures ante nos uiros Latinos, aliis ex nationibus oriundos, hoc fecisse nos lateat, sed ex Lusitanis Latinam artem fecisse scimus neminem. Volui itaque ego, Lusitanorum primus, hunc arduum laborem subire, quia nihil in hominum uita conducibilius honestiusque esse potest, quam aliquid elaborare quod utilitatem publicam augeat atque posteritati monumentum sempiternum relinquat.* (Fol. A iij v.º).

(13) *Quorum doctrinam rectamque sententiam ita poetarum carminibus fulcitam itaque copiose explanatam, ante nos (quod sciam) exposuit nemo praesertim Hispanus.* (Fol. A v).

Portugal, etc.», ou, em latim, «Papae, alter nostra in Lusitania ortus est Donatus...»

Não faltam aí as acusações irónicas a Rombo & Companhia, como a de «irmão do gigante, filho da terra» e a das «matérias», barbarismo do título da adaptação de Pastrana, feita por António Martins e reeditada por Pedro Rombo.

Entretanto, contra os seus próprios detractores, Estêvão Cavaleiro recorre para o testemunho qualificado, dizendo: «Mas se a nossa gramática é superior às dos gramáticos contemporâneos ou não, os outros que julguem. Os outros, não os émulos, nem os malévolos nem os bárbaros, mas os homens justos, benevolentes e latinos, a quem não roa a inveja, mas deleitem o bem e o justo, que saibam e queiram julgar com justiça. Já os há (graças a Deus!) no nosso Portugal: egrégios doutores como, principalmente, Diogo Pacheco, Luís Teixeira, Francisco Cardoso, Cataldo, oradores eloquentíssimos e poetas muito ilustres que não só conhecem muito bem a língua latina mas ainda a ensinaram e podem notavelmente ensinar ainda hoje. É à opinião destes que eu me associo. Quanto me alegro, ao ver no nosso Portugal homens desta espécie! Ah, então sim, agrada-me viver!» (14)

As duas exclamações finais são uma reminiscência de Terêncio, *Adelphoe*, 444-445, aqui particularmente interessante, por um outro motivo: elas confirmam a atmosfera humanística que se respirava entre nós, em 1516, nesta afirmação de Estêvão Cavaleiro, de que os homens do novo movimento já criavam um ambiente e — acrescentarei — se não limitavam a Cataldo, então no fim da vida.

O autor da *Mariae Virginis Ars*, entretanto, mais adiante avisa um eventual «Stephanomastix» de que qualquer ataque ao seu livro errará o alvo, se visar pessoalmente «Stephanus», isto é, ele mesmo, Estêvão Cavaleiro, pois, sendo os exemplos tirados dos melhores autores

---

(14) *Verum enimvero, an ars nostra neotericorum artigraphorum artibus anteponenda sit necne, aliorum iudicio relinquo. Aliorum (inquam) non aemulorum, non maliuolorum, nec barbarorum, sed uiuorum iustorum, beniuolentium latinorumque quos non inuidia rodant, sed bona rectaque delectent, qui iudicare recte et sciant et uelint. Qui nostram Lusitaniam hac tempestate (Deo gratias habeo) iam colunt. Sunt quippe hi egregii doctores praecipue Iacobus Pachecus, Ludouicus Texeira, Franciscus Cardoso, Cataldus, oratores disertissimi, necnon et poetae clarissimi, qui Latinam linguam non solum optime callent, sed etiam et docuere et docere hodie optime possunt. Horum profecto iudicio nos quam facillime astipulabimur. Quam gaudeo ubi huius generis uiros nostra in Lusitania uideo! Vah uiuere etiam nunc libet!* (Fol. A v v.º).

latinos, é a estes que o censor está censurando: *Si quispiam fortasse Stephanomastix in nos inuehatur, scito non me auctorem carpere, sed optimos, latinisque auctores, quos imitamur, quosque forsitan ipse non nouit* (fol. A, vj).

Proclama, uma vez mais, a sua superioridade: «Que o êxito coroe já a minha gramática que expulsará a barbárie por muitos anos reinante em Portugal e porá fora em prantos as chamadas *matérias*, ineptas, bárbaras, obscuras, contraditórias!» (N.B.: o sublinhado é meu) (15).

Mas vai admitindo que, assim mesmo, a sua *Ars* pode ter erros. Cita opiniões de clássicos sobre a insuficiência das coisas humanas e socorre-se da filosofia do senso comum de Horácio, numa boa meia dúzia de citações, vindas de preferência da *Arte Poética*: *quandoque bonus dormitat Homerus* e outras. Também não falta o *nonumque prematur in annum* e o *nescit uox missa reuerti* para se arrepender de um pecado editorial da juventude. Ficamos a saber que, anos atrás, se não limitara a seguir o método de Pastrana, mas redigira sobre ele comentários que um aluno precipitadamente fizera publicar: «Todavia, esquecido desse preceito horaciano (o de que *nescit uox missa reuerti*), lembro-me de ter escrito outrora não sei que comentários à *Arte de Pastrana*, e de que um discípulo subitamente os publicou. A esses rejeito-os e não os considero tais que me glorie de serem meus. Em muitos pontos, têm sabor a barbárie e à oficina do irmão do gigante, de quem, na minha cegueira, com outros cegos, eu era por esse tempo seguidor. E assim, de par com eles, caí na armadilha» (16).

Apesar de todas as indagações que fiz, não consegui encontrar a edição de Pastrana, feita por Estêvão Cavaleiro. Um livro da sua autoria, intitulado *Artis grāmatice precepta stephani militis*, que o cólofon dá como publicado em Salamanca em 1493, não é uma edição de Pastrana. Pude ler essa *Ars Grammatica*, em microfilme amavelmente emprestado pelo Prof. Moreira de Sá, e verificar que nela se

(15) *Succedat feliciter ars noua iam nostra, quae barbariem in Lusitania multos dominatam per annos explodet, necnon quas Materias appellant, ineptas, barbaras, ambagiosas, perplexasque foras quaerebundas expunget.* (Fol. A vj).

(16) *Nos tamen immemores huius praecepti Horatiani nescio quos commentarios in Pastranae artem quondam scripsisse meminimus eosque discipulus repente edidisse. Quos equidem respuo. Non enim tales eos censemus ut nostros esse gloriemur. In pluribus quidem barbariem sapiunt officinamque ipsius gigantis fraterculi. Illa enim tempestate caecus ego cum caecis ipsum sectabar ideoque cum eis in foueam pariter incidimus.* (Fol. A vj v.º).

encontra, já em 1493, a ânsia de renovação, formulada de maneira mais exuberante, no «Prologus» de 1516. Basta atentar no *incipit*: *Precepta ad prima grāmatices rudimenta p̄utili prosodiae tractatulo bonis ex auctorib' p̄ [stephanum militē ad magistratū in artibus iniciatū excer-] pta. ad lusitaniae barbariei expulsionem foeliciter incipit.*

O livro é idêntico, nas seis primeiras folhas, a outro que Cavaleiro fez imprimir em Sevilha, em 1503, cujo cólofon aqui transcrevo, desfazendo as abreviaturas e usando a grafia actualmente em curso: *Prosodiae artis grammaticae speciei praecepta perutilia Stephani militis mira uigilantia antiquis ex auctoribus excerpta fausto sidere sunt explicita. Impensis prudentis Lazari de Gazanis bibliopolae. Ex officina Ioannis Pegnicer de Nuremberga Alemani. Impressa Hispali sexto Idus Septembris. Anno Domini millesimo quingentesimo tertio.*

Li esta gramática em fotocópias gentilmente cedidas também pelo Professor Moreira de Sá a quem aqui dou publicamente os meus agradecimentos.

No livro de 1493, em que Nebrija é cordialmente citado, a parte final apresenta abundante exemplificação de prosódia latina tirada de textos de poetas romanos. Talvez essa prática constitua um aspecto original do livro. Quanto a Nebrija, é curioso notar que nas gramáticas de 1503 e 1516 as referências a António, como Cavaleiro lhe chama, escasseiam, se é que não desaparecem de todo. Na *Mariae Virginis Ars* só encontrei uma vez o seu nome, mas na desagradável situação de ser mencionado num passo em que é refutado (fol. B, v).

A questão do apelido latino de Mestre Estêvão não deve constituir problema. Creio que se trata de mero jogo de palavras com o seu próprio sobrenome, pois tanto o livro de 1493 como o de 1503 dão como autor *Stephanus miles*; o de 1516 é de *Stephanus eques*. É possível que, inicialmente, Estêvão Cavaleiro achasse que a versão latina do seu sobrenome podia criar qualquer equívoco nobiliárquico. Assim, com humildade, talvez irónica, sendo *eques* de nome, a si próprio chamou *miles*, para assumir o sobrenome latino de *eques*, quando publicou o seu *opus magnum*, pois isso mesmo é a *Mariae Virginis Ars*, até pelo cuidado com que foi composta e impressa. Com a mesma atitude humorística, ou talvez de exaltação pessoal, se intitula duas vezes no «Prologus» não apenas *eques*, mas *eques coronatus*.

Voltemos, porém, ao «Prologus» e à surpreendente confissão de que também ele, Cavaleiro, usara o malsinado gramático. É preciso notar que Pastrana era autor corrente entre os mestres de Gramática

de Arte Nova e que, não havendo direitos de autor, e sendo Pastrana ainda por cima um autor falecido, as suas obras eram reeditadas e usadas livremente. E dava menos trabalho reimprimir um texto já impresso e de venda assegurada, do que compôr uma obra original, sujeita a críticas malévolas.

Cavaleiro justifica depois a sua mudança de orientação, ao repelir definitivamente Pastrana, como um sinal de progresso, e escuda-se com o exemplo de Hipócrates, Cícero, Catulo, Lucílio, Santo Agostinho e Aristóteles, enumerados por esta ordem, afirmando que todos eles criticaram os erros próprios e mudaram de rumo no sentido do aperfeiçoamento.

Passa então ao problema de saber a quem dedicar o seu livro e expõe as muitas e variadas razões que teve para o dedicar à Virgem Maria, a quem invoca repetidas vezes e a quem pede a expansão do seu livro na Península Ibérica e, para além do Oceano Atlântico, em África e onde quer que haja cristãos.

O «Prologus» está redigido em bom estilo latino e revela um conhecimento e um domínio da língua muito superiores aos de Pedro Rombo nas cartas que acompanham as edições gramaticais de Pastrana. Estas cartas latinas são facilmente acessíveis nas reproduções fotográficas que delas fez Madahil no artigo atrás citado.

Na verdade, quando se compara o latim de Rombo com o de Cavaleiro, nos textos que deles nos restam, fica-se com a impressão de que as queixas de Cavaleiro são justas e de que, nas querelas universitárias em que ambos se envolveram, o resultado, desfavorável a Estêvão Cavaleiro, foi uma iniquidade, pelo menos no aspecto profissional. O êxito parece ter coroado o menos apto dos dois latinistas.

Já vimos que Cavaleiro atribuiu a intrigas dos rivais a perda do seu lugar na Universidade, portanto, antes de 1516, data do «Prologus». Isto terá acontecido, talvez mesmo antes de 1514, pois as actas dos conselhos da Universidade revelam-nos a sua actividade como professor de Lógica, entre 1514 e 1517.

Em 1514, ficou em quarto e último lugar no concurso para a cadeira de Metafísica. A votação foi em 16 de Fevereiro de 1514 (17). Entre os votantes, Pedro Rombo.

---

(17) *Auctarium Chartularii Vniuersitatis Portucalensis. Documentos coligidos e publicados por A. Moreira de Sá.* Vol. I, Lisboa, 1973, p. 307. A indicação desta página não figura no índice.

Em 1517, no concurso aberto para a cadeira de Lógica, classificou-se em terceiro lugar. A votação foi em 2 de Dezembro de 1517 (18), mas Estêvão Cavaleiro tinha deixado de ler e fora substituído por Francisco Valentim, em 14 de Novembro de 1516. Na votação de 2.xii.1517, Francisco Valentim teve 14 votos, João Guterres 11 e Estêvão Cavaleiro 10. Desta vez, Rombo não figura entre os votantes.

Terá Cavaleiro sofrido as consequências do violento «Prologus» da *Mariae Virginis Ars*? Com efeito, é possível que se tenham sentido ofendidos outros além de Rombo, pois quer-me parecer que certos membros da Universidade, que aí ensinavam outras disciplinas, eram fora dela mestres particulares de Latim, em casas de gente nobre ou importante. E muitos deles, como os que não foram expressamente elogiados no «Prologus», se sentiriam atingidos pelas acusações de disseminadores da barbárie, feitas por Estêvão Cavaleiro.

Em 1518, quando com outros se candidatou à cadeira de Filosofia Moral, ele e os seus companheiros desistiram, em deferência por D. Pedro de Meneses que manifestou interesse pelo lugar e nele foi provido. Era este D. Pedro de Meneses um graduado da Universidade de Paris e já tem sido erradamente confundido com o seu homónimo 2.º conde de Alcoutim e, mais tarde, 3.º marquês de Vila Real. Depois disso, não há notícia de ter Estêvão Cavaleiro continuado a ensinar na Universidade.

Pedro Rombo, pelo contrário, aparece constantemente nas actas dos Conselhos do Estudo Geral até 1533, ano em que, segundo uma delas, faleceu. Para outras informações a seu respeito, ler o artigo que sobre ele publiquei em *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 16, p. 837.

As pretensões de Cavaleiro quanto aos méritos incomparáveis da *Mariae Virginis Ars* não deixam dúvidas: (*nos*) *ea exponentes quae nostra in Lusitania huius nostrae tempestatis neminem exposuisse scimus; Quorum doctrinam... ante nos (quod sciam) exposuit nemo praesertim Hispanus*; e outras referências mais arrogantes, embora menos precisas. Mas está por fazer um estudo comparativo não apenas com as reedições de Pastrana, publicadas em Lisboa (1497, 1501, 1512, 1513, etc.), em relação às quais a superioridade da *Mariae Virginis Ars* me parece

---

(18) Obra citada na nota anterior, vol. II (1975), p. 49.

evidente, mas também, segundo atrás escrevi, com as obras do maior gramático peninsular do tempo, Élio António de Nebrija. E ainda com outros trabalhos menos conhecidos, como o que vou mencionar em seguida.

Existe na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra um livrinho em 4.º, de 22 folhas não numeradas, geralmente com 36 linhas (ocasionalmente, 37), cujo título se pode tirar do cólofon, pois lhe falta o frontispício: *Johannis valasci legum bachalarij: hac in alma vniuersitate Ulixboneñ. ordinati lectoris: in grāmaticae rudimentis commentarij: in grāmatica: in arte dicendi: τ in cōponendis carminibus: qui per expertum nec non discretum virum Hermānum de Kempis in arte impressoria, felici sidere expliciunt.*

Na carta-prefácio, dirigida a João Figueira, prior de Santiago em Almada, João Vaz enumera os autores de que se serviu. São eles, numa transcrição em que desfiz abreviaturas e actualizei a grafia: *In grammaticae enim flosculis praeceptorem nostrum Pastranam, Nicolaum Perrotum et Franciscum Nigrum; in arte dicendi, Ciceronis, totius eloquentiae principis, imitatores: Laurentium Vallam, uidelicet, Augustinum Datti, Aenean Siluium et Fernandum Manzanāres; et in componendis carminibus Robertum Guaguinum, Sulpicium et Remigium, quantum meum potuit praestare ingenium, imitandos institui.*

Esta bibliografia dá uma ideia dos autores de que era possível dispor em Lisboa, nos começos do século XVI, pois estou convencido de que é dessa época o livrinho de João Vaz. É curioso notar que o bacharel João Vaz não tem por Pastrana o desprezo que lhe votará Estêvão Cavaleiro em 1516, embora na «Operis peroratio» faça discretas reservas a António Martins. Mas utiliza também humanistas italianos como Perotto, Nigro, Valla, Datti e Eneias Silvio Piccolomini; o espanhol Manzanares; e até o francês Robert Gaguin, amigo de Erasmo. A maior parte dos italianos, aliás, fora reimpressa em anos próximos em tipografias espanholas, como pode ver-se em Vindel.

Mais adiante, na folha c, v, v.º, fala-se de um outro gramático italiano, Stephanus Fliscus, como de autor corrente em Lisboa: *Alias clausulas ex Stephano Flisco et ex aliis poteris excerpere.* Também havia dele edições feitas em Espanha, antes de 1500.

O texto gramatical está escrito na terminologia da época, mas a carta inicial (*Iohannes Vallasci, bachalarius, Iohanni Figueira, Diui Iacobi priori Almatanensi, Salutem*) e a «Operis Peroratio» apresentam bom latim.

Quem era João Vaz? À data da composição desta obra, segundo ele próprio informa, era *legum bachalarius e in alma Vniuersitate Vlix-bonensi ordinatus lector*. No termo da posse de Pedro Rombo como professor de Arte Nova na Universidade de Lisboa, em 6 de Setembro de 1490, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, é mencionado juntamente com um colega, Diogo Álvares, como tendo assistido à cerimónia: «ho bacharel Joham vaaz e d.º alvarez lentes de gramatica darte noua».

Estes dois nomes aparecem frequentemente nas actas dos Conselhos da Universidade de Lisboa, mas não como professores de Gramática. O bacharel João Vaz é possivelmente aquele mesmo que em 22 de Fevereiro de 1511 se viu forçado a deixar de reger a cadeira de terça de Cânones, por ter aceitado o lugar de ouvidor do Arcebispo de Lisboa. Diogo Álvares continua mencionado nas actas até mais tarde. É ele também decerto o professor que Cataldo recomenda para mestre de um filho de Pedro de Alcáçova. Nenhum dos dois é mencionado entre os isentos da acusação de barbárie no «Prologus» de Estêvão Cavaleiro.

O lugar de professor de Gramática era dos menos bem pagos, sendo os cursos rendosos os de Teologia, Direito Canónico e Direito Cesário e Medicina. O prestígio intelectual ia então para a Teologia.

Por isso, é natural que o lente de Gramática, enquanto ensinava esta disciplina, estivesse ao mesmo tempo preparando o acesso a lugares de maior prestígio e melhor ordenado. Isso não o impedia de ensinar gramática nos palácios dos grandes ou na corte. Luís Teixeira, antigo aluno de Ângelo Policiano e «doctor in utroque iure», foi professor de latim do futuro rei D. João III. Uma carreira frequente era a do graduado em Artes que seguia depois Medicina.

Sobre João Vaz, que é quem aqui nos interessa, como autor que foi de gramáticas latinas, as actas dos conselhos da Universidade de Lisboa não podem informar-nos, para o final do século xv e primeiros anos do século xvi, por não existirem.

Uma reedição de Pastrana, com alguns extractos de Nebrija e algum contributo pessoal seu, foi publicada em 28 de Novembro de 1501, segundo o cólofon, por João Vaz. Hoje não se conhece qualquer exemplar desta edição, impressa na oficina de «Johannes Petri de Bonis Hominibus de Cremona», em Lisboa, mas Francisco Leitão Ferreira ainda viu um exemplar que, pela sua descrição, devia ter o aspecto das edições de Pastrana que se encontram na Biblioteca Nacional de

Lisboa, na do Paço Ducal de Vila Viçosa e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O cólofon, transcrito das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* (19), é o seguinte, desfeitas as abreviaturas e actualizada a grafia: *Magistri Iohannis de Pastrana Compendium cum coniugationibus temporum nouiter inuentis: cum materiebus Antonii Martini: et temporum formationibus in compositione ab Antonio Nebris-sensi abstractis et quibusdam clausulis a Terentio, iuuenibus magnopere conducentibus: summa cum diligentia a bachalario Iohanne Valasci correctum: et per uenerabilem Iohannem Petri de Bonis Hominibus de Cremona in splendidissima Vlixbone ciuitate quarto Kalendas Decembris impressum anno Domini millesimo quingentesimo primo felici sidere explicit.*

Deste modo, João Vaz era um daqueles negociantes do «trigo sarnento» de Pastrana, acusação de que apenas em parte se salvava, por ter incluído na colecção de opúsculos editada em 1501, um pequeno trabalho de Nebrija. Mas já vimos que o próprio Cavaleiro não escapara a ver associado o seu nome com o de Pastrana.

A gramática que se encontra em Coimbra é diferente. Trata-se de um trabalho mais pessoal em que João Vaz tem um capítulo interessante sobre a composição de cartas em latim, género literário que então estava em voga na corte e na Universidade, como vemos pelos dois livros de *Epistole* de Cataldo, o primeiro dos quais é datado de 21 de Fevereiro de 1500.

O cólofon do livrinho de Coimbra provoca certa estranheza, pela ausência de data e local de impressão:

(João Vaz, 1501): (...) *per uenerabilem Iohannem Petri de Bonis Hominibus de Cremona in splendidissima Vlixbone ciuitate quarto Kalendas Decembris impressum anno Domini (...) felici sidere explicit.*

(João Vaz, s.d.): *per expertum nec non discretum uirum Hermannum de Kempis in arte impressoria, felici sidere expliciunt.*

Porquê a falta de lugar e de data na fórmula tradicional? Creio que a resposta se lê ao fundo da página, três folhas antes, na única data que se encontra no livro, ao terminar a série das fórmulas de conclusão de cartas que João Vaz propõe aos seus leitores: *Et si quos uoluerimus salutare in calce epistulae commendandi sunt ut Vale et meo*

---

(19) *Escriptas pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Primeira Parte (...) Segunda edição organizada por Joaquim de Carvalho (...) Coimbra, 1937, p. 485.*

*nomine parentibus tuis dic salutem. Vale cum pudicissima uxore tua ac egregiis filiis tuis. Ex Vlixbona tertio Kalendas Februarii anno Domini millesimo quingentesimo primo* (20). Estou convencido de que o autor não quis repetir três folhas adiante, no mesmo lugar da página, esta data de 30 de Janeiro de 1501. Aliás, a marca de água do papel parece-me idêntica à de *Epistole et Orationes quedam Cataldi*, de 1500.

A alusão irónica aos que viriam a chamar-lhe «corruptor da latimidade», que se lê na carta-prefácio, pode referir-se a Estêvão Cavaleiro, mas não significa que o livro seja posterior à *Mariae Virginis Ars*, pois Cavaleiro já alude a esses corruptores na Gramática de 1493. Também a circunstância de João Vaz ter publicado nesse mesmo ano de 1501 dois livros de gramática, em seu impressor cada, não pode constituir obstáculo à minha hipótese, pois as obras são diferentes: a de Janeiro é relativamente original; a de Novembro é o habitual negócio de venda aos alunos de textos alheios, com uma pequena contribuição própria.

No seu recente livro, *A Descriptive Catalogue of Printing in Spain and Portugal, 1501-1520*. Cambridge, University Press, 1978, p. 518, F. J. Norton considera a gramática posterior a 1510, talvez levado pela informação de que a mais antiga obra impressa conhecida, do futuro Hermão de Campos, é de 1506. Mas isso não impede que a sua carreira entre nós tenha principiado antes. Em matéria de actividade tipográfica em Portugal, nos séculos xv e xvi, ainda muita coisa está por descobrir e esclarecer. Devo, aliás, reconhecer que Norton não se compromete demasiado: «Possibly, but not demonstrably, printed in the earlier years of this press» (p. 519).

Regressemos agora à *Mariae Virginis Ars*. Ao terminar o livro de grande formato com 107 folhas a duas colunas por folha, Estêvão Cavaleiro entoava uma vez mais os louvores do seu trabalho, salientando, em bom latim, entre muitos méritos os seguintes: *Sunt quippe haec non ex indoctorum uirorum codicibus excerpta, uerum ex eruditissimis auctoribus grammatices, rhetorices, oratoriae, poetices, historiarumque scriptoribus penes quos omnis eloquentia, omnis Romanus Latinusque sermo nitet, pollet floretque. Tardi profecto ingenii est, Cicerone testante, riuos consecrari, fontes rerum non uidere.* (Fol. S, v, v.º).

---

(20) Foram desfeitas as abreviaturas e actualizada a ortografia.

Sob a autoridade de Cícero, coloca o preceito renascentista de ir às fontes e desprezar os riachos, deixando-nos uma obra representativa do humanismo gramatical e retórico que é o nosso humanismo inicial (21).

Mas as questões que o seu *opus magnum* levantou não devem ter favorecido a sua expansão. E, anos depois, os compêndios usados na Universidade de Lisboa eram o do malfadado Pastrana e o livro mais moderno de Nebrija. Isto mesmo se vê na acta do Conselho de 29 de Outubro de 1519 que transcrevo: «E logo no dito conselho foy acordado que francisco de fegueiredo pague mjl reis peras obras do studo por falar descortes no conselho contra o bacharel francisco valentim lente e asy lhe mandaram que ele leya ou pastrana ou lebrjxa e nam mesture huñ com outro sob pena de ser priuado de todo de ler hũa cousa e outra o bedel esto scpriuj» (22).

Temos aqui mais uma querela de gramáticos e, pela sequência dos assuntos na acta, possivelmente relacionada com métodos de ensino. A questão parece ter surgido por objecções do lente de Gramática Francisco Valentim ao docente Francisco de Figueiredo, que levaram este a ser descortês. Figueiredo misturaria os dois compêndios, a saber, o de Pastrana e o de Nebrija, e o seu superior hierárquico consideraria tal prática como inconveniente pedagogicamente. Isto é, três anos depois do escândalo provocado pela *Mariae Virginis Ars* de Estêvão Cavaleiro, a respeito do espírito de rotina existente na Universidade de Lisboa, nova disputa se levantava entre dois professores de Gramática da mesma universidade.

Todavia, a *Mariae Virginis Ars*, cujo latim é muito mais correcto e elegante, mas também mais difícil, do que o de Pastrana, e certamente por causa do polémico «Prologus», encontrava-se banida do ensino universitário em Lisboa.

---

(21) Naturalmente, o belo estilo latino é o veículo de uma espiritualidade pragmática, de cunho ciceroniano, que não contraria os princípios da Igreja Católica. Disso mesmo é símbolo a consagração da obra à Virgem Maria. Aliás, o conceito simplista, corrente no final do século passado, de que o Humanismo antropocêntrico era o adversário irreductível da Idade Média teocêntrica está mal posto. Quando os humanistas falam da barbárie gótica, referem-se mais ao estilo do latim do que às crenças religiosas. Sobre o Cristianismo dos humanistas, ver uma boa síntese no capítulo «Paganism and Christianity» do livro de Paul Oskar Kristeller, *Renaissance Thought. The Classic, Scholastic and Humanist Strains*. New York, 1961, pp. 70-91.

(22) Obra citada na nota 17 deste artigo, vol. II, p. 130.

Isto passava-se em 1519. Uma outra acta, agora de 1525, volta à mesma questão e de novo omite o livro de Cavaleiro. Aliás, como seria possível usá-lo, continuando Pedro Rombo a ensinar, a participar em conselhos e certamente a intrigar (23) na Universidade?

Assim, em 16 de Dezembro de 1525, a acta é exclusivamente dedicada à questão do ensino da gramática latina: «(...) foram no dicto conselho propostas algũas cousas que tocavam contra os mestres de gramatica que traziam grande prejuizo aos scolares da dita arte per as desvayradas opiniões que os dictos mestres tinham E querendo os dictos Sores a ello prouer por bem e proveyto da repuprica Acordaram as cousas seguintes Item primeyramente mandaram que neste bayrro aja sempre arte de pastrana e arte de librixa per esta maneira que os que lerem as dictas artes (...) nom misturem hũa arte com outra .s. o que ler pastrana nom mesturara librixa senam per maneira de notado e concordança E asy o que ler librixa non misturara pastrana senam commo dicto he Item que os que asy lerem as dictas artes nom seram ousados de ader nem mingoar cousa algũa no texto de pestrana nem de lybrixa sem licenca do conselho (...)» (24).

A posição aqui é menos radical quanto à separação completa dos dois métodos gramaticais: já se permite que uma das artes seja citada em comentário à outra. Mas Cavaleiro foi definitivamente banido, se é que alguma vez o seu livro chegou a ser usado por alguém que não fosse ele próprio.

No seu conjunto, a documentação analisada no presente estudo prova que Cataldo Parisio se não encontrava só na empresa de expulsar a «inata barbárie», a «corruptíssima velha», divulgando as graças da nova cultura, trazidas da pátria «onde se descobriu a Retórica e onde, como todos sabem, jorram as fontes dos restantes ramos do saber» (25).

#### AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(23) A vocação de Rombo para a intriga está documentada na carta de Cataldo a Vasco Fernandes de Lucena (*Epist.* I, b vj-vj v.º). Também a ele creio referir-se o epigrama de Cataldo «Ad Cavalerium», em *Poemata*, fol. o v v.º

(24) Acta lida pela Dr.ª Maria Georgina Trigo Ferreira, conservadora do Arquivo da Universidade de Coimbra. Encontra-se em *Actos e Graus*, tomo I, livro 3, fol. 132 [413]. Na obra referida na nota 17, foi impressa no vol. II (1975), pp. 349-350.

(25) *Epist.* I, d iij. Ver ainda A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969, pp. 40 e 86.

## Prologus.



**C** Ad diuam Mariam iesu christi humani generis redē ptoris matrē admodū venerationā: ac perinde virginem inuolatā: cūctorūq; christia noꝝ pijsimā patronā: corōnati equitis in artibus et philoſophia magistri: suā in nouam grāmatices artē.

### Prologus.



**A**merillia primis grāmatices tu dimētio q; bus a primis vngulculis ( vt graeci aiūt ) operam det: iam diu excessissem: meq; etiā ad altiores: diuinioreq; artes cōtulissem: nec nō ipsoꝝ philoſophoꝝ: poetarū: oratoꝝ: hiſtorioꝝ: graſophoꝝ: q; admirāda monumēta cu

riose euoluiffem: ſuauiſſima: ſucū: diſſima: altaq; mēte reponi quam digniſſima: inter legendū: ſtudentūq; innumera documēta repperiſ: atq; didici: quae hoies ad bene beateq; viuendū recte ducū: atq; animos ipſos delectant: vt niſil profecto dulcius: niſil ſuauiꝝ: niſil lucidius: niſil deniq; cōducti: bilius hoibus ipſis miſeſſe vide reſ: ipſo philoſophia ſtudio liſſe itaq; rebus admodū et delectatꝝ: et admiratus: mecū ipſe eos ita allocutus ſum. **Q** ſceliciſſimi viri nō caducta fortunae bonis inſpātes: nō cupidinis ardore marcti: nō torpore deſides: non vanā huiꝝ ve lociſſimae vitae potētiā affectātes ſed bonas artes cū honeſtate ſemper amplectentes: ideoq; gloriā et laudē ſūmo cū honore cōſequi meruiſtis. p̄fecto veſtra illa diuina: q̄ reliq̄tis volumina: vobis ipſis immortale m gloriā pepererunt: et de nobis poſteriſq; oibꝝ optie mei uerū: merēbitq; ſemper. **Q** ſcelices animas: quibꝝ tam diuina primis cognoſcere curā fuit **M** ampe vos caeleſtia primū indagatiſ: deinde alijs p̄cipiēda tradidiſtis: beatiſq; quippe recte in animi erā quietate in negotioꝝq; vacatio: ne philoſophia ipſa vos ponere docuit. ouitae noſtra: philoſophia dur. o virtutis indagatrix: expul. tritq; vicioꝝ. hoim quippe vita: ſine te beate eſſe nō poteſt. **T**u vrbes pepiſti. tu diſſipato hoies in vſte ſocietate cōuocaſti. tu littera r̄uict vocū cōiūctione eos congregaſti. tu inuētriſ legū: tu magiſtra moꝝ: r̄erūq; cūctarū diſciplina ſu

21 li



**C**onou grámatices vir gínis ars ve  
neráo ac christi matri dedicata per  
coronatū equitē in artibus: et phi  
losophia magistrum. ad expellen  
dam a lusitania pertinacem barba  
riem lucubrata foeliciter edita.



Quoniam no  
bis est animo  
ex antiqua lit  
teraria arte  
multis ante  
saeculis adiu  
ertante noua  
gramatices  
arte latina sa

cere placuit ab ipsa oratione: ab eiusque par  
tibus et ordinibus sumere: quandoquidem in his to  
ta ipsa gramatica versat. **E**st igitur ora  
tio (scilicet apud diomedem dicente) oratio missa  
et per dictiones ordinata pronuntiatio. **S**unt  
autem orationis octo partes significantes.  
**N**omine scilicet. **P**ronomen. **V**erbum. **P**arti  
cipium. **A**dverbiu. **P**raepositio. **C**oniuunctio.  
et **I**nteriectio. **E**x quibus tres nomine. pro =

